

Poesia de slam: na encruzilhada do encontro da boca que tudo come com a fome
coletiva de ganhar voz

cajota¹

Para falar de Esú, é preciso primeiro pedir *agô*, disse-me um mais velho.

Agô.

Iniciar nossa conversa com o *agô* demonstro não apenas uma marca de saudação primeira a uma entidade religiosa, mas também uma marca do local de enunciação, do tom e dos caminhos pelo qual nossa prosa poderá fluir. Se a religião é uma ideologia, a visão afrobrasileira da encruzilhada para nós é uma episteme, uma forma de entender o mundo a partir de uma cosmo percepção não euroreferenciada, um direito a metáfora e a formas orgânicas-ancestrais de pensar-sentir-intelectualizar a partir de referenciais que dizem sobre nós e nossa história ao longo do tempo. Como Leda Maria Martins nos lembra: “O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme” (MARTINS, 2022, p.23) Logo, essa é a nossa, episteme, nossa encruzilhada Motriz.

Em "Afrografias da memória", Leda Maria Martins nos diz que “A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas” (MARTINS, 2021, p.5) E que é por meio dessas encruzilhadas que nos construímos enquanto sujeitos e grupos sociais atravessados pela raça e todas as demais construções que atravessam nossos corpos afro-diaspóricos e as produções dos mesmos.

E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade que pode ser pensada como um tecido e uma textura, em que falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformaram-se, e reatualizam-se continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando as singularidades e alteridades negras. (MARTINS, 2021, p.5)

Ainda sobre esse processo “civilizatório” forçado na construção da identidade brasileira, o importante Mestre Quilombola Nego Bispo dispõe que:

O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afro-pindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo puro monoteísta. No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em diálogo com as

¹poeta-pesquisador, mestrando do Programa de Pós Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. (PPGHDL-FFLCH/USP), multiartista, pedagogo, nerd-maloqueiro, trans-cuir-disidente. Pesquisador bolsista do Grupo “Corpus Estético(s) em Diferença pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP) contato: cajota@usp.br

identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas. No entanto, na perspectiva da resistência cultural, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio praticado contra povos afro-pindorâmicos e os seus descendentes. (SANTOS, 2015. p.37-38)

Assim, tomo a liberdade de pensar que o próprio corpo negro em si é uma encruzilhada. O corpo que carrega materialmente um conjunto simbólico de significantes anteriores a ele mesmo e que por ser negro em um contexto racista abriga entre outros atravessamentos essa marca da dissidência que não é apenas biológica mas também cultural. Retomar assim a valores e saberes coletivos é encontrar novos-velhos jeitos de resistir e resignificar nossas existências marginais. Um corpo que pensa e sente.

É preciso antes lembrar que foi a violência com que a desumanização agiu sobre esses corpos que estruturou a colonização e que até hoje essa desumanização segue alimentando a necropolítica fazendo com que o sistema capitalista e colonial siga lucrando sobre o trabalho e o genocídio de corpos negros estruturado pelo estabelecimento do padrão de normalidade que naturaliza relações raciais desiguais (OLIVEIRA, 2020). Ainda que a luta e a própria existência negra siga sendo invalidada, esses corpos excluídos não consomem tudo isso de maneira passiva, seja de diversas maneiras a população negra segue se rebelando ao produzir e resgatar arte e cultura contra esse sistema de dominação.

Ainda que a existência desse corpo represente uma forma de resistência diante da possibilidade diária de morrer, nos foquemos aqui na produção cultural e artística que esses corpos produzem como forma de não sucumbir ao medo e a dor infringida por (sobre)viver em um regime racista. Ao assumir que o corpo produz e não apenas o intelecto assumimos um local de entender a nós enquanto seres íntegros e não pedaços separados dentro de um plano cartesiano de ideias onde corpo versus mente. Afinal a dicotomia binária entre razão versus emoção nunca fez sentido para nós, tanto em nossas produções anticoloniais quanto em nossas vivências incorporadas pelas marcas raciais que carregamos.

Entendido esse primeiro ponto de partida, a importância da encruzilhada nos rumos da conversa enquanto ponto de chegada e trajetória anticolonial a ser traçada, tomemos um caminho a seguir, antes de voltar a ela.

Entremos assim na encruzilhada poética que sedia o palco do *Poetry Slam*. Palco esse que constrói-se de maneira a propiciar o alimentar, nutrir e construir coletivamente de uma população por séculos silenciada a partir dos métodos de tortura empregados por séculos a fio que desencadeou o que Grada Kilomba chama de “fome coletiva de ganhar voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (KILOMBA, 2019, p.27). Essa poesia encarnada propicia

outro espaço-futuro-ancestral possível de construir-se enquanto sujeito, afinal disse-nos Audre Lorde que “Poesia não é um luxo” (LORDE, 2019, p.45), a poesia é uma necessidade vital, um caminho para estruturar a vida, os sonhos, o futuro, o passado, expressando e registrando a demanda revolucionária da existência negra.

Entendido isso, vamos mergulhar rapidamente no histórico e na transformação disso que chamamos de palco poético da poesia encarnada, o *Poetry Slam*. Esse movimento tem a mesma idade do pesquisador que vos fala, ambos nascemos em 1986. Porém nosso carinhosamente apelidado *SLAM*, é um jogo-esporte de berço estadunidense, enquanto eu sou brasileiro. E, por esse motivo, só o conheci recentemente quando em 2008, Roberta Estrela D’Alva junto ao coletivo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos inaugurou-o em terras pindorâmicas com o ZAP! Slam: Zona Autônoma da Palavra. O ZAP foi o primeiro, mas de lá para cá nasceram mais de 300 slams espalhados Brasil a dentro. Segundo a publicação realizada pelo coletivo Slam do Prego (2023), hoje existem mais de 1000 comunidades de slam ao redor do mundo e bem mais de 70 só em São Paulo. Esse último dado muito nos interessa e retornaremos nele em breve, mas antes vale pensar na conceituação de Slam de Roberta Estrela D’Alva sendo essa a precursora do movimento em nosso território.

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento [...] além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente [...] (D’ALVA, 2014, p.109)

Segundo o dicionário Oxford, ágora é uma praça das antigas cidades gregas, um local em que encontrava-se o mercado, onde aconteciam assembleias e entre outras concepções, também um centro religioso... Dito isso, gostaria de lembrar que as praças normalmente se encontram em encruzilhadas de ruas e caminhos, que são domínios de Esú, assim como o Mercado de trocas, onde ninguém entra e sai sem nada trocar.

Neste mercado de trocas (poéticos) Esú nos permite trocar visões de mundo, aprendizados, presenças encarnadas no momento presente, na ginga do jogo poéticos, somos convidadas, todas as pessoas presentes a trocar, a deixar-se envolver. Ninguém entra e sai imune em um slam, ainda que discorde das coisas que foram ditas ou ouvidas a poesia que adentrou em você, por seus ouvidos, poros e olhos irá repercutir em você talvez novas ou velhas certezas e dúvidas que poderão te conduzir a novas encruzilhadas ou trajetos encruzilhares que estão diante de ti.

Esse corpo negro que ginga e declama, encarnado em si e em suas-nossas histórias poéticas imprime o movimento espiralar do tempo que gira em sentido anti-horário voltando e indo até

a encruzilhada enquanto manifesta sua própria vital energia em confluência com as energias manifestadas pelas pessoas presentes.

Voltemos assim à encruzilhada para entender essa relação de Esú e da poesia-encarnada estabelecida nessas linhas. Chamamos aqui de poesia-encarnada aquela que não é apenas declamada ou performada, mas aquela que expira tanto dos poros da pessoa, quanto ritmada a batida de seu coração, umedecida por suas lágrimas, sangue e suor se manifesta na sua voz fazendo com que todo seu corpo-voz seja veículo tomado para a manifestação de sua intelectualidade-artística por meio da boca que antes foi silenciada. Boca que tudo come é um dos nomes de Esú, boca essa com fome devoradora. Fome de existir, pois existir é devorar o mundo para Esú. E, pelos três minutos que o tempo pára o mundo é o slam, independente do cronometro a sensação relatada por muitos poetas é de suspensão de tempo e urgência em dizer tudo o que está calado na garganta.

Embora existam slams que aconteçam dentro de teatros, bares e locais fechados, a maioria dos slams em nossa casa acontece na rua, aqui o slam tem chão de asfalto, de terra batida, escadão atrás da escola, praça em frente ao metrô. Não por acaso o culto a Palavra se coloca no caminho do trajeto das pessoas que necessitam delas, sejam as pessoas trabalhadoras, estudantes ou poetas periféricas que atravessam a cidade para despir sua alma nua evocando afetamentos coletivos que enunciam a quem comunga do mesmo espaço ideias, histórias e sentimentos que a flor da pele hackeiam políticas genocidas de silenciamento e invisibilidade para inserir possibilidades de vida.

Mas como falar de morte e dor evoca alegria e vida? Infelizmente já vi essa pergunta ser feita a muitas pessoas negras que escrevem, mais recentemente a Conceição Evaristo que com sua escrevivência enquanto aparato teórico nos mostra que a escrita afro-brasileira não se esgota na escrita de si pois se propõe a uma escrita de nós que precisa, ainda hoje, atravessar a dor e denunciá-la a fim de encontrar a cura e propor novos-velhos caminhos e rotas de existência diante da impossibilidade de existência plena.

Por outro lado, pensar em falar de dor para evocar alegria é uma contradição. E contradição também nos interessa, pois estamos utilizando a métrica Esuística nesse ensaio e não podemos nos esquecer que “laroyê, Esú” também significa “salve a contradição”. E se Esú é o verdadeiro paradoxo do tudo e nada, a dor e alegria, a vida e a morte se encontram nessa mesma encruzilhada de construções que nos mantém vivos ao repetirmos os nomes dos nossos que já se foram e ao comemorarmos com os olhos chovendo as alegrias da poeta que ganhou a batalha presente nos lembrando da dor de perder aquelas que amamos.

Esú é o ancestral dos caminhos, da comunicação, da marginalidade e de muitas outras possibilidades de fluir. Esú é o ancestral que está mais próximo do caminho e está mais próximo do ofô, da Palavra. A palavra negra não foi amordaçada por acaso, a palavra para muitos povos africanos é sagrada.

A sacralização dessa palavra até hoje é combatida e temida pois ela evoca possibilidades, novos mundos e velhos saberes. Essa Palavra sagrada que se manifesta na poesia encarnada tenho carinhosamente chamado de Palavra-Ofá, pois dentro dessa visão anticolonial que se estrutura em uma epistemologia de terreiro um dos caminhos possíveis de análise da sacralização desse instrumento utilizado pelas pessoas poetas para sacralizar sua vida, produção intelectual-artística funciona como a ferramenta do ancestral caçador, Oxóssi, mirando possibilidades, alimentando aldeias, abrindo caminhos, movimentando trajetos e trajetórias e defendendo-se enquanto arma enquanto for necessário salvar corpos-territórios negros.

Evocando Presença, Cultura e Resistência essa Poesia-Abébé funciona tanto a quem escuta como a quem escreve ela como os espelhos dos fluxos de água africanos de Osúm e Yemonjá e não como a água parada de narciso que envolve e afoga. Os abébés são também ferramentas como o ofá, servem para que nos vejamos como somos, e também para que nos defendamos daqueles que nos desejam o mal. Longe da popular visão eurocêntrica que compele a Osún apenas o lugar da vaidade ao segurar o espelho em suas mãos e se ver verdadeiramente bela como é, pleiteamos o direito ao amor próprio tanto quanto ao pertencimento que pelo abébé de Yemonjá nos encontramos enquanto coletivo. Assim, tomamos para nós os caminhos de aprendizado com estas Yalodês enquanto caminho percorrido pela Escrevivência.

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a

nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020, p.38-39)

Dito isso, voltemos a encruzilhada da poesia e dos corpos negros enquanto buscamos novas-velhas rotas de fuga da impossibilidade de (re)existir observando as possibilidades outras de existir, imprimir e construir futuros, passados e presentes em que nossos corpos-saberes habitem esse tempo-espço de maneiras dignas.

Corpo-voz na construção de caminhos outros

Para concluir, trago a nossa prosa o depoimento deste poeta-pesquisador (até ontem “objeto” da dita ciência neutra) dissidente em tudo aqui que não escolheu ser e desobediente em tudo que lhe coube escolher.

Encarei de frente o “desafio” de ousar falar sobre um “~~objeto~~-projeto” marginal por via de uma epistemologia de terreiro também marginal, construída com a metodologia afrobrasileira da Escrivivência enquanto aparato teórico que, confessemos não é tão bem conhecida do cânone dentro da Academia. Desafio esse empreendido dentro da dita melhor universidade da América Latina, a Universidade de São Paulo.

Durante os últimos três anos tenho e debruçado sobre as questões que mencionei brevemente nas últimas laudas e com o apoio honroso de duas igrandes Instituições de Apoio a Pesquisa que por contrato e agradecimento preciso mencionar mas que quebro mais uma vez o protocolo e o faço na figura de duas grandes intelectuais negro brasileiras que além de abrir a porta a tais programas me acolheram em seus quilombos academicos. A primeira sem a qual eu não estaria aqui e que me ensinou o caminho até a concessão da Bolsa de Pesquisa da Demanda Social da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, é Professora Doutora Maria Ribeiro, minha ori-entadora que muito me ensina nas trocas que temos, verbais e não verbais onde o apoio e admiração mútua se inscrevem a olhos nus. A segunda é Professora Doutora Conceição Evaristo que generosamente me escolheu para sentar consigo a mesa no último ano e muito tem me ensinado nesse mergulho que fizemos no último ano no conceito de Escrivivência, graças a esse movimento tenho tido financiamento da Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo – FUSP.

A honra de caminhar ao lado dessas duas grandes intelectuais me impele uma responsabilidade maior de cuidado e zelo por minhas pesquisas. Se antes eu não poderia dizer que meus ancestrais frequentaram a Academia se em meu núcleo familiar eu fui o segundo a

concluir a Educação Básica e o primeiro em entrar na Universidade, hoje me sinto pertencente a essa brilhante linhagem de intelectualidade negra.

Contudo, ainda que eu habite esses círculos restritos, eu que me atrevo a existir como sou e ainda coabitar a academia, ocupado na função de pesquisador produzindo sobre marginalidade e na marginalidade de minha presença negra-cuir-trans-maloqueira autorizada por grandes referências intelectuais, encontro sempre olhares de surpresa ao ver que tal figura também pensa-produz de maneira crítica.

Como se não bastasse esse desafio, ainda enveredei-me a abrir mais fissuras dentro da interdisciplinaridade que me permito anticolonialmente agir, afinal é nos rompimentos que nos expandimos. Este poeta-pesquisador que não é propriamente do campo da Literatura e nem das Letras, veio a ter num Congresso de Literatura Comparada. Nitidamente maloqueiro ao olhar externo e nerd ao olhar mais próximo, nerd-maloqueiro ao seu próprio olhar, descobriu-se nesse espaço um acadêmico-debochado. Não denuncio aqui uma fala mas diversos olhares e comentários que mostraram-me, nos dias em que se seguiu o congresso, que ao optar por estudar meu próprio grupo social e sua produção intelectual da margem para a margem, fiz uma escolha sábia, afinal é preciso sensibilidade para entender que “Noiz por noiz” é mais do que erro gramatical mas um compromisso assumido com um locus de enunciação.

Porém, é necessário também dizer que durante a simpósio no qual me aloquei apresentando o resumo do texto acima eu estive em estado de flow, tamanho o cuidado necessário, devida atenção e organização que a mesa do simpósio “Encruzilhando a escrita literária: a cabaça-útero, o cantar das folhas e a terra tradicional apresentando cosmo percepções de um futuro-ancestral” nos ofereceu, não por acaso uma mesa negra e sensível ao tipo de epistemologias que nos permitimos e ousamos trabalhar.

Todavia, gostaria de deixar nítido que para além de teorizar e viver, acredito que a forma e o conteúdo também rompem barreiras e que precisamos nos abrir para que ideias novas e plurais cheguem até nós e nos ocupem novas formas-possibilidades de fazer Ciência.

E, caso as reviravoltas desse texto escrito numa outra lógica, que não a colonial-comum, tenham dificultado a leitura e o entendimento das ideias colocadas, eu entendo que o rompimento que proponho não seja tão atingível em uma primeira leitura menos sensível. Tanto quanto a leitura textual da presença encarnada de meu corpo dificultaram alguns entendimentos que é possível alguém destoante da normatividade acadêmica esperada também produzir ciência, não uma ciência preta-lgbt (como já fui equivocadamente acusado)

mas uma Ciência outra, onde tanto as produções de pessoas como eu quanto nossa existência não são meros objetos.

REFERÊNCIAS:

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça. O poetry slam entra em cena. Synergies Brésil n° 9 - 2011 pp. 119-126

_____. Teatro Hip Hop. São Paulo: Perspectiva, 2014

EVARISTO, Conceição. *Prefácio*. In: DUARTE, Mel. Querem nos calar: Poemas para serem lidos em primeira pessoa. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 12-15.

_____. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima (org), NUNES, Isabela Rosado. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. *While I write*. 32ª Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UKUaOwfmA9w>>. Acesso em: 20-jul-2023.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider, ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza, 2021.

NOGUEIRA, Sidnei. “Precisamos voltar para o centro da encruzilhada”. [Entrevista concedida a Fernanda Carrera, Denise Carvalho, Sandra Martins, Flávia Fontes, Amanda Moura, Rosane Romão, Ana Carla Ferreira dos Santos, Catharina Marques, Maiza Soares, Ana Luiza Farias]. *Líbero*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, v. 51. p 10-23. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1775>>. Acesso em: 06-jun-2023

_____. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OLIVEIRA, Denilson Araújo, Questões acerca do genocídio negro no Brasil. Revista ABPN, vol.12, 2020. <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/867/793>> Acesso em: 02 jul 23.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombo: modos e significados*. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SLAM DO PREGO: a poesia Ecoa na floresta de concreto. São Paulo: Ed. dos Autores, 2023.